



## **20 DE AGOSTO DE 2015**

### **Quinta-feira**

- BANCO DO BRASIL PREVÊ LIBERAR R\$ 3,1 BI PARA SETOR AUTOMOTIVO ATÉ O FIM DO ANO
- EMPRESÁRIOS DO SETOR DE IMPORTAÇÃO DE MÁQUINAS SE MANIFESTAM CONTRA O MERCADO BRASILEIRO
- RODADA DE NEGÓCIOS TERÁ 15 EMPRESAS ÂNCORAS E ESTIMATIVA DE SUPERAR 140 EMPRESAS PARTICIPANTES
- MDA, ABIMAQ E ANFIR FIRMAM ACORDO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA
- UFABC DESENVOLVE VEÍCULO ROBÓTICO SUBMARINO PARA INSPEÇÃO DE CASCOS DE NAVIOS
- LEVY DIZ QUE APOIO DE BANCOS PÚBLICOS AO SETOR AUTOMOTIVO NÃO AFETA AJUSTE FISCAL
- COBRE E ALUMÍNIO ATINGEM MÍNIMAS EM 6 ANOS APÓS FORTE QUEDA DE AÇÕES NA CHINA
- COBRE OPERA EM FORTE ALTA EM LONDRES E NY COM DÚVIDAS SOBRE JUROS NOS EUA
- CONFIANÇA DA INDÚSTRIA CAI 2,5% EM AGOSTO ANTE JULHO, APONTA PRÉVIA DA FGV
- 'DADOS APONTAM PARA UM TERCEIRO TRIMESTRE RUIM PARA A ECONOMIA', DIZ ECONOMISTA
- MCDONALD'S SERÁ ALVO DE DENÚNCIAS NO SENADO NESTA QUINTA-FEIRA
- AFIF CRITICA APOIO A GRANDES EMPRESAS
- TRABALHADORES NÃO CONSEGUIRAM REPOR INFLAÇÃO EM ACORDOS SALARIAIS DE JULHO, INFORMA FIPE

- REFORMA DO PIS/COFINS VAI GARANTIR GANHO DE PRODUTIVIDADE ÀS EMPRESAS, DIZ LEVY
- CRISE NO EMPREGO INDUSTRIAL HOJE É MAIS GRAVE DO QUE EM 2009, DIZ IEDI
- INADIMPLÊNCIA DAS EMPRESAS REGISTRA ALTA DE 6,6%, MOSTRA SERASA
- BNDES CAPTA EMPRÉSTIMO DE R\$ 1 BILHÃO PARA FINANCIAR TRANSPORTE PÚBLICO
- EMPREGO INDUSTRIAL TEM PIOR SEMESTRE EM 14 ANOS
- GOVERNO PLANEJA PAGAR AINDA EM SETEMBRO METADE DO 13º A APOSENTADOS
- PROJETO QUE ELEVA TETO DO SIMPLES É "PAUTA-BOMBA DE CHOCOLATE", DIZ AFIF
- SEM ACORDO, MERCEDES CONFIRMA DEMISSÕES
- NISSAN ATINGE 250 MIL VEÍCULOS MONTADOS NO PAÍS
- RETOMADA VAI DEMORAR DE 2 A 3 ANOS
- AJUDA A SETOR EXPÕE FRAGILIDADE DE INCENTIVO À PRODUÇÃO AUTOMOTIVA
- PPG TEM NOVO DIRETOR-PRESIDENTE PARA AMÉRICA LATINA
- TRABALHAR MAIS DE 55 HORAS SEMANAIS AUMENTA RISCO DE ENFARTE, MOSTRA ESTUDO
- JÜRGUEN KNEISSLER ASSUME CARGO NA COOPER STANDARD
- BNDES AMPLIA ACESSO A CAPITAL DE GIRO PARA EMPRESAS DE TODOS OS PORTES
- IBC-BR MOSTRA ECONOMIA EM RECESSÃO
- CSN CONSIDERA ROTHSCHILD OU LAZARD PARA VENDA DE ATIVOS, DIZ FONTE

<b>CÂMBIO EM 20/08/2015</b>		
	<b>Compra</b>	<b>Venda</b>
<b>Dólar</b>	3,485	3,485
<b>Euro</b>	3,887	3,889

Fonte: BACEN

## Banco do Brasil prevê liberar R\$ 3,1 bi para setor automotivo até o fim do ano

20/08/2015 – Folha de S. Paulo



Um dia após a Caixa divulgar a liberação de cerca de R\$ 5 bilhões para o setor automotivo, foi a vez de o Banco do Brasil anunciar, nesta quarta-feira (19), medidas de apoio à cadeia produtiva do setor, além do segmento de máquinas e implementos agrícolas e caminhões.

A primeira etapa do protocolo assinado entre o BB, a Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores) e o Sindipeças (Sindicato Nacional da Indústria de componentes para Veículos Automotores) terá acordos envolvendo 26 empresas-âncora.

A estimativa é que o BB antecipe R\$ 3,1 bilhões para fornecedores estratégicos dessas empresas até o fim do ano, para produtos entregues ou não.

Por meio de um sistema desenvolvido para esses convênios, o banco receberá das empresas-âncora uma programação de encomendas para determinado grupo de fornecedores, ao longo de um certo período, e antecipará aos fornecedores os valores que seriam recebidos pelo total das entregas.

"Não é subsídio, as taxas são de mercado, mesmo porque precisamos dar o retorno aos acionistas, mas conseguimos aprimorar nossa análise de crédito para as empresas que compõem a cadeia automotiva", diz Alexandre Correa Abreu, presidente do Banco do Brasil.

As empresas-âncora "emprestariam" sua maior capacidade financeira como garantia para a oferta de crédito aos fornecedores.

Com compromissos firmados por parte das âncoras, os riscos de crédito das operações seriam reduzidos, fazendo com que as empresas do início da cadeia produtiva tenham acesso a condições e taxas semelhantes às oferecidas a empresas de maior porte.

"Nós mudamos a responsabilidade das pequenas empresas para as de grande porte, como montadoras", diz Paulo Roberto Rodrigues Butori, presidente do Sindipeças (Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores).

"Vamos aparecer no contrato como uma espécie de fiadores, porque, se não fortalecemos o setor de autopeças, não faz sentido continuar desenvolvendo montadoras no Brasil", completa Luiz Moan Yabiku Júnior, presidente da Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores).

Três empresas – Grupo Aethra, de sistemas automotivos, Iochpe-Maxion, de rodas e chassis para veículos comerciais e produtos ferroviários, e MMC Motores do Brasil (Mitsubishi)– já fecharam acordos, que somam R\$ 100 milhões.

O BB tem mais 500 grupos na mira para ações do gênero, como cooperativas, incorporadoras e grandes exportadoras, e prevê o desembolso de R\$ 9 bilhões.

O banco já elevou em R\$ 15 bilhões o limite sistêmico de crédito de 354 empresas líderes para o adiantamento a fornecedores.

### **RETOMADA**

As medidas integram um programa maior do governo de ajuda a grandes setores industriais do país, que está sendo articulado por Aloizio Mercadante (Casa Civil) com as pastas da Fazenda, Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

"O espírito é o mesmo das medidas anunciadas pela Caixa e está alinhado com os ajustes macroeconômicos promovidos pelo governo, que consideramos de fundamental importância", diz Júnior.

O uso dos bancos públicos para financiar o setor produtivo fez parte da política de incentivo ao crescimento adotada entre 2008 e 2014. Criticada, ela foi desmontada com a chegada de Joaquim Levy à Fazenda, após a reeleição de Dilma.

### **AGRÍCOLA**

O BB anunciou também que vai lançar um modelo de relacionamento com revendas de máquinas, equipamentos agrícolas e caminhões.

Com apoio da Anfavea e da Fenabrave (Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores), a meta é cadastrar até o final do ano mais de mil revendas. A ideia é reduzir o prazo de liberação de financiamentos de 67 para 14 dias.

### **APOIO DA CAIXA**

A Caixa vai liberar cerca de R\$ 5 bilhões somente para o setor automotivo, incluindo dinheiro próprio e recursos dos trabalhadores (FAT e FGTS).

A presidente da Caixa, Miriam Belchior, afirmou que se trata de uma política que foi discutida com várias áreas do governo e tem como objetivo ajudar as empresas a "respirar" durante este "momento de travessia" pelo qual passa a economia brasileira.

Também estão em negociação com o governo os setores de petróleo e gás, alimentos, energia elétrica, eletroeletrônico, telecomunicações, fármacos, químico, papel e celulose, máquinas e equipamentos e construção civil.

Em relação ao setor automotivo, serão quatro linhas de crédito. Em três delas, as prestações só começam a ser pagas daqui a seis meses, quando o governo espera que a economia tenha começado a se recuperar, segundo a presidente da Caixa.

A primeira é a antecipação de recursos para fornecedores de montadoras, com juro a partir de 1,41% ao mês. As mesmas empresas contam ainda com dinheiro para despesas do segundo semestre a partir de 0,83% ao mês + TR. Nesse caso, os empréstimos contam com dinheiro da Caixa e do FGO (Fundo de Garantia de Operações).

A Caixa também vai financiar compra de máquinas novas e usadas a 1,5% ao mês com dinheiro do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador).

A quarta linha é para renovação de frota (transporte coletivo, máquinas agrícolas e caminhões) com dinheiro do FGTS na linha Pró-Transporte a 9% + TR ao ano.

## **Empresários do setor de importação de máquinas se manifestam contra o mercado brasileiro**

20/08/2015 – CIMM

Os importadores do setor de bens de capital (que inclui máquinas), dependentes dos fabricantes nacionais, diminuíram drasticamente suas vendas e compõem o rol dos estão sofrendo com a crise no Brasil.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a indústria brasileira opera 12,2% abaixo do pico histórico, atingido em junho de 2013. Isso aconteceu devido a ausência de demanda, que freou a produção.

O diretor presidente da Trumpf do Brasil - fabricante de máquinas-ferramenta, tecnologia laser e eletrônica -, João Carlos Visetti, comenta que a falta de confiança e a completa ausência de sinais de melhora têm contribuído para o desemprego. "A primeira coisa que a indústria corta em tempos de dificuldades são os investimentos. Dentro da atual conjuntura, o setor sofre muito, e torna-se necessário fazer os ajustes para se adaptar a realidade do mercado".

A necessidade de reduzir custos e enxugar a estrutura para poder driblar a crise fez com que a Bener - distribuidora multimarca de máquinas-ferramenta importadas - reduzisse seu quadro de funcionários.

De acordo com o diretor técnico da empresa, Ricardo Lerner, a empresa trabalha com 30% de sua capacidade, o que causa tem causado um cenário de incertezas por lá. "Não se sabe quanto tempo a crise pode durar e se quem ainda está saudável vai continuar saudável, sem perspectivas de quando o mercado vai retornar", esclarece Lerner.

"A paralisia é tão grande, que já chegou ao consumo das famílias", menciona o diretor geral da Junker do Brasil - mercado de fabricação de retíficas de alta velocidade -, Dirk Huber. Para ele, esse é um grande problema porque, se nada for feito, acaba virando uma bola de neve: a produção para porque ninguém está comprando, e como ninguém está comprando e a produção está parada, começam as demissões.

### **Desafios de ser importador no Brasil**

A batalha diária para manterem-se vivos durante os momentos de crise é um desafio constante para os empresários. Os impostos e a variação cambial contribuem para inibir o mercado, já que o dólar aproxima-se dos R\$ 3,50.

O diretor da Makino do Brasil - indústria japonesa do ramo de usinagem CNC de alta tecnologia - Carlos Eduardo Ibrahim, explica que os empresários estão em busca de produtos de última geração para fabricar suas peças, itens que são apenas vendidos no exterior.

Entretanto, houve um aumento nos impostos de importação de importação em 20% para uma família de máquinas de usinagem e, somados às outras taxas, esses números chegam a 55%. Isso acaba desmotivando qualquer um que esteja atrás de tecnologia e derruba o mercado do setor.

"Os empresários estão com medo de investir! Hoje, eles preferem correr o risco de perder o serviço e continuar na morosidade por conta da insegurança econômica", diz Ibrahim. O diretor da Makino assegura que, em 25 anos de atuação no comércio de máquinas, nunca se deparou com um mercado tão escasso quanto em 2014 e 2015.

No caso da Trumpf, a conversa com a matriz de que o mercado e as regras brasileiras são particularmente únicas. "Sempre digo que as normas mudam sem aviso prévio, e que nem sempre o 'preto é preto e o branco é branco', pois muitas coisas são passíveis de

interpretação tanto no campo normativo, vide a NR-12, como no campo fiscal", menciona Visetti.

### **Perspectivas do setor**

Acompanhando o cenário nacional, com a política econômica como está, os empresários se veem sem perspectivas. A Trumpf encerrou o ano fiscal em 30 de junho e, pela primeira vez desde 2010, sofreu com queda de 30% em sua receita. Ricardo Lerner, da Bener, comenta que, enquanto não existir uma política concreta, séria e direcionada aos verdadeiros problemas que enfrenta, o país vai continuar parado.

Dirk Huber, da Junker, salienta que a indústria essa crise começou há 8 meses e que a indústria está certa quando pede soluções ao Governo e o Governo deveria ouvir os apelos da indústria o mais rápido possível. "Ninguém vê perspectivas de mudança no curto prazo. Algo tem que ser feito rapidamente, porque quando o ciclo de retomada da indústria não é imediato", elucida.

O diretor da Makino do Brasil é enfático ao tratar-se do futuro da economia do setor em 2016. "Nosso objetivo é sobreviver, já que dependemos de nossas matrizes. Se não recebêssemos um aporte financeiro de fora, não estaríamos vivos", finaliza Ibrahim.

## **Rodada de Negócios terá 15 empresas âncoras e estimativa de superar 140 empresas participantes**

20/08/2015 – CIMM

Nos dias 2 e 3 de setembro, das 14h30 às 19h30, empresas compradoras e vendedoras estarão reunidas na Expoville, em Joinville (SC), para a 2ª Rodada de Negócios do setor metalmeccânico. O evento é organizado pela Messe Brasil em parceria com a Bolsa de Negócios e Subcontratação de Santa Catarina – BNS/SC, e conta com o apoio do BRDE – Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul.

"O BRDE, como agente regional de fomento, entende que a rodada de negócios representa uma excelente oportunidade para aproximar ainda mais a instituição dos empreendedores que participarão do evento, além de ampliar a rede de contato e permitir identificar reais possibilidades de negócios no curto e médio prazos", aponta Nivaldo Presalino Vieira, gerente regional do BRDE para o Norte Catarinense e Itajaí.

Com um formato diferenciado, empresas compradoras (âncoras) reúnem-se individualmente com empresas vendedoras para negociar fornecimento, preços, condições e prazos. As 15 âncoras serão: Altona, ArcelorMittal, Bosch, BRDE, Ciser, Comil Ônibus, Docol, Fremax, General Motors (SP), Intelbrás, Kavo, Klabin, Schulz, Tupy e Vedamotors.

O evento ocorre paralelamente à 43ª edição da Sulcontrata e 10ª Intermach (Feira e Congresso Internacional de Tecnologia, Máquinas, Equipamentos, Automação e Serviços para a Indústria Metalmeccânica) – e é fruto dos resultados obtidos na primeira edição, ocorrida na Intermach 2013. A estimativa é de a rodada que tenha fomentado em torno de R\$ 10 a R\$ 12 milhões de reais em geração de negócios.

"A Ciser conseguiu desenvolver alguns bons relacionamentos comerciais oriundos da 1ª Rodada de Negócios, empresas estas de grande confiança e qualidade na prestação de serviços e venda de produtos", destaca Angelo Karnopp, do departamento de compras/suprimentos.

De acordo com Rita de Cássia Amato, da BNS/SC, a segunda edição da rodada tem como meta a participação de 140 empresas fornecedoras. "Nossa expectativa é de que ocorram 250 reuniões e sejam gerados 300 contatos", diz.

O investimento para participação nos dois dias da rodada é de R\$ 80,00 para associados da Bolsa de Negócios – BNS/SC e expositores da Sulcontrata - Intermach. Para os demais o valor é de R\$ 200,00. Interessados devem entrar em contato com Rita através do telefone (47) 3455-3780 ou pelo e-mail bolsasc@bolsasc.com.br.

### **Sobre a Rodada de Negócios**

A Rodada de Negócios é um evento empresarial, gerador de oportunidades de negócios, que possibilita o encontro de empresas de todos os níveis e de diferentes atividades, além de ampliar as relações de fornecimento e oferta de produtos e serviços junto às grandes empresas. Isso cria um ambiente favorável ao ingresso das microempresas e empresas de pequeno e médio porte.

Mais informações na página do evento.

### **Serviço**

Rodada de Negócios do Setor Metalmeccânico

Data: 2 e 3 de setembro de 2015

Horário: 14h30 às 19h30

Local: Expoville (sala Azaléia) – Joinville/SC – Brasil

Organização: Messe Brasil e Bolsa de Negócios e Subcontratação de Santa Catarina

Quanto: R\$ 80,00 para associados da Bolsa (BNS/SC) e expositores da Sulcontrata - Intermach/2015; R\$ 200,00 para não associados/expositores

Informações: [bolsasc@bolsasc.com.br](mailto:bolsasc@bolsasc.com.br)

## **MDA, Abimaq e Anfir firmam acordo de cooperação técnica**

20/08/2015 – CIMM



O ministro do Desenvolvimento Agrário (MDA), Patrus Ananias, firmou, nesta terça-feira (18), acordos de cooperação técnica com as associações Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq) e Nacional dos Fabricantes de Implementos Rodofiários (Anfir). As assinaturas ocorreram na sede da Abimaq, em São Paulo (SP).

Segundo o ministro, os acordos são importantes, pois as entidades representativas do setor industrial atuam como parceiras no Programa Mais Alimentos – linha do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar destinada à aquisição de equipamentos e implementos agrícolas.

“Estamos somando esforços, e isso é essencial. Ninguém faz nada sozinho, nem na vida e nem em prol do bem coletivo”, afirmou Patrus.

O ministro salientou que o ajuste fiscal não afetou a oferta de crédito rural, que cresceu 20% em relação ao último ano safra (de R\$ 24,1 bilhões em 2014/2015 para R\$ 28,9 bilhões em 2015/2016) e que esse fator também não afetará o acesso dos produtores ao Mais Alimentos.

“A agricultura no Brasil está se expandindo. Estamos buscando ações integradas com os governos estaduais e com as prefeituras, além de manter também uma relação de permanente diálogo com os movimentos sociais. Mesmo com o ajuste, estamos consolidando a agricultura familiar como produtora de alimentos saudáveis”, destacou.

O coordenador do Programa Mais Alimentos, Lucas Ramalho, também assinou os acordos e explicou como os agricultores podem fazer para adquirir os equipamentos que desejam para aumentar a produtividade da terra.

“O primeiro passo é ter uma Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP). Logo após, é só procurar uma empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural, montar o projeto e levá-lo à instituição financeira”, disse.

### **Parcerias**

João Carlos Marchesan, vice-presidente da Abimaq, lembrou que a entidade é parceira do MDA desde o início do Programa Mais Alimentos, em 2008. Ele ressaltou que o programa é fundamental para a manutenção do agricultor familiar no campo e na oferta de empregos nas zonas urbanas.

“É um ciclo. O agricultor familiar aumenta sua renda, adquire o equipamento e gera, diretamente, emprego no campo. O consumo é em cima da renda que ele tem e o aumento do acesso ao programa é um reflexo do aumento da renda no campo”, apontou.

Já a Anfir está entrando como parceira do Programa Mais Alimentos agora, em 2015, mas sempre apoiou as ações da segunda etapa do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC2 Equipamentos).

“Temos, um parceiro muito grande, no MDA. O investimento do MDA no PAC 2 deu uma virada no nosso ano, revertendo nosso quadro para uma posição positiva”, concluiu o presidente da associação, Alcides Braga.

## **UFABC desenvolve veículo robótico submarino para inspeção de cascos de navios**

20/08/2015 – CIMM



Um veículo robótico submarino para inspeção de cascos de navios foi criado na Universidade Federal do ABC (UFABC), em São Paulo. O projeto, desenvolvido por alunos de graduação e pós-graduação em Engenharia Mecânica, foi coordenado pelo professor Juan Pablo Julca Avila, com apoio da Fapesp.

Um protótipo do veículo – com propulsores e esteiras motorizadas, flutuadores e sensores – já foi testado com sucesso em uma piscina de mergulho e no tanque de provas do Departamento de Engenharia Naval da Universidade de São Paulo (USP).

O protótipo respondeu adequadamente aos comandos remotos dos operadores nos modos de “voo livre” e “rastejo”. “Agora, na segunda fase da pesquisa, queremos levá-lo a Santos, para testar sua locomoção e o sistema de aderência sobre o casco de um navio em alto-mar”, disse Avila à Agência Fapesp.

O grande diferencial desse veículo em comparação com outros similares é que, além de fazer a inspeção visual do casco, com o emprego de câmera, ele também pode se deslocar sobre o casco, por meio de esteiras, segundo o pesquisador.



Desse modo, utilizando equipamento de ultrassom, é capaz de detectar eventuais fissuras ou falhas estruturais e verificar se a espessura do casco está dentro dos limites de tolerância.

A aderência do veículo ao navio é obtida por meios puramente mecânicos, com o uso de quatro propulsores dispostos verticalmente. Girando em um sentido, as hélices dos propulsores o pressionam contra o casco; girando em sentido contrário, fazem com que se afaste. Desse modo, foram evitadas rodas magnéticas, que limitariam sua operação apenas a cascos de aço e também o tornariam muito pesado e difícil de manobrar.

“Trata-se de um veículo robótico híbrido que combina dois modos de operação. O primeiro é o do ‘voo livre’, no qual, propulsionado por hélices, ele se movimenta debaixo d’água, dirigindo-se à região de interesse. Uma vez perto do navio, o veículo posiciona-se de forma que sua base fique em contato com o casco. Então, entra em funcionamento o segundo modo de operação, que é o de ‘rastejo’, no qual ele usa esteiras motorizadas para se deslocar”, detalhou o pesquisador.

### **Controle automático de aderência**

Essa funcionalidade adicional faz dele um HROV (Hybrid Remotely Operated Vehicle) e não simplesmente um ROV (Remotely Operated Vehicle), como similares mais convencionais. Montado em uma estrutura de polipropileno, o veículo funciona com energia elétrica, provida por uma fonte externa e transmitida por meio de um cabo umbilical.

“Com sua robustez estrutural e controle automático de aderência baseado na medição da pressão de contato, é capaz de operar em ambiente offshore”, afirmou Avila.

O pesquisador informou que seu grupo já entrou em contato com o órgão da UFABC encarregado dos pedidos de patentes. Graduado em Engenharia Mecânica na Universidade Nacional de Trujillo, no Peru, Juan Pablo Julca Avila fez seu mestrado e doutorado na Escola Politécnica da USP. Atualmente, é professor adjunto do grupo de Engenharia Aeroespacial da UFABC.

## **Levy diz que apoio de bancos públicos ao setor automotivo não afeta ajuste fiscal**

20/08/2015 – Época Negócios



O ministro da Fazenda, Joaquim Levy, saiu em defesa das novas linhas de crédito abertas pelos bancos públicos Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal ao setor automotivo, argumentando que elas têm perfil comercial e não vão afetar o ajuste fiscal em curso.

"São linhas de mercado... É uma operação mais comercial, na qual a gente apóia os fornecedores usando a própria qualidade de crédito das montadoras", afirmou o ministro a jornalistas nesta quarta-feira, após participar de evento no Rio de Janeiro.

Os dois bancos federais anunciaram linhas especiais para o setor automotivo, que podem ser estendidas a outras indústrias que estejam passando por dificuldades diante do

cenário de fraqueza da economia. Só com o BB, essas linhas podem ser da ordem de 9 bilhões de reais.

No primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff (2011-2014), o governo manteve a política de injeção de recursos nos bancos públicos, afetando a dívida bruta do país, para dar mais fôlego para as instituições fazerem operações de crédito. Levy, quando assumiu o Ministério da Fazenda em janeiro, afirmou que essa política tinha terminado.

"Não compromete o ajuste (fiscal), é uma operação de mercado que, na verdade, pressupõe compromisso das montadoras", argumentou o ministro. "Você está levando em conta a força e a qualidade de crédito dessas companhias. É um arranjo que os bancos fazem todos os dias", insistiu.

O cenário de recessão e inflação elevada vem sendo ainda bombardeado pela instabilidade política, que afeta a confiança de agentes econômicos. O ministro disse ainda que, se não houver "realismo e responsabilidade" com relação às despesas públicas, o trabalho do governo e das empresas ficará difícil. Ele reforçou a necessidade do ajuste fiscal implementado para melhorar a confiança na economia.

### **FGTS**

Sobre o projeto que altera a rentabilidade do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), aprovado pela Câmara dos Deputados na noite de terça-feira (19/08), o ministro da Fazenda disse que, mesmo havendo elevação de sua remuneração, o FGTS teve sua estabilidade preservada, junto com sua capacidade de financiar habitação popular.

O texto aprovado na Câmara estabelece que a remuneração dos novos depósitos no FGTS subirá de forma escalonada até se igualar ao índice de correção da poupança em 2019. A correção atual do FGTS é a Taxa Referencial (TR) mais 3% ao ano.

## **Cobre e alumínio atingem mínimas em 6 anos após forte queda de ações na China**

20/08/2015 – BR notícias

Os futuros de cobre e alumínio renovaram mínimas em seis anos em Londres, após um novo tombo dos mercados acionários da China e preocupações persistentes sobre a demanda do gigante asiático, o maior consumidor mundial de metais básicos.

Por volta das 7h15 (de Brasília), o cobre para três meses caía 1,8% na London Metal Exchange (LME), a US\$ 5.024,00 por tonelada, o menor nível desde julho de 2009. Já o alumínio perdia 0,7%, a US\$ 1.557,50 por tonelada, após chegar a ser negociado mais cedo a US\$ 1.549,50 por tonelada, também o menor patamar em seis anos.

Na Comex, a divisão de metais da bolsa mercantil de Nova York (Nymex), o cobre para setembro tinha queda de 1,51%, a US\$ 2,2860 por libra-peso, às 7h37 (de Brasília).

As bolsas chinesas sofreram uma nova queda significativa nesta terça-feira, fechando com perdas de mais de 6%, em meio a dúvidas sobre o compromisso de Pequim de dar sustentação aos mercados locais e de prosseguir com reformas. Há tempos, os investidores andam preocupados com os sinais de desaceleração econômica da China, cuja demanda por metais pode ser prejudicada.

A liquidação das ações na China vem também após o país ter anunciado uma forte desvalorização do yuan na semana passada.

Além disso, os especuladores aproveitam a diminuição dos negócios em meio ao verão no hemisfério norte para assumir posições vendidas em algumas commodities, como os metais, segundo analistas.

Entre outros metais na LME, a maioria operava no vermelho. O zinco para três meses tinha baixa de 1,6%, a US\$ 1.779,00 por tonelada, enquanto o níquel perdia 1,9%, a US\$ 10.425,00 por tonelada, e o chumbo recuava 1,7%, a US\$ 1.698,50 por tonelada. A única exceção era o pouco negociado estanho, que subia 0,8%, a US\$ 15.500,00 por tonelada.

### **Cobre opera em forte alta em Londres e NY com dúvidas sobre juros nos EUA**

20/08/2015 – BR notícias

Os futuros de cobre operam em forte alta em Londres e Nova York, após a divulgação da última ata de política monetária do Federal Reserve (Fed, o banco central norte-americano) ter posto em dúvida a elevação dos juros básicos dos EUA no curto prazo.

Por volta das 8h (de Brasília), o cobre para três meses subia 1,6% na London Metal Exchange (LME), a US\$ 5.072,00 por tonelada, depois de encerrar a sessão anterior abaixo da barreira psicológica de US\$ 5.000,00 por tonelada pela primeira vez em seis anos. Na Comex, a divisão de metais da bolsa mercantil de Nova York (Nymex), o cobre para três meses avançava 1,30%, a US\$ 2,3055 por libra-peso, às 8h42 (de Brasília).

Na ata, publicada ontem, o Fed sugeriu que há chance menor de começar a elevar suas principais taxas de juros já na reunião de setembro. "A ata da reunião do Fed em julho...(reduziu) a confiança do mercado de que a primeira alta de juros (dos EUA) desde 2006 acontecerá em setembro", comentou Dee Perera, analista de metais básicos da Marex Spectron.

Entre outros metais na LME, o alumínio para três meses tinha alta de 1,1%, a US\$ 1.573,50 por tonelada, enquanto o zinco avançava 1,8%, a US\$ 1.818,00 por tonelada, o níquel subia 0,2%, a US\$ 10.445,00 por tonelada, o chumbo ganhava 1,5%, a US\$ 1.717,00 por tonelada, e o pouco negociado estanho aumentava 0,7%, a US\$ 15.450,00 por tonelada.

### **Confiança da indústria cai 2,5% em agosto ante julho, aponta prévia da FGV**

20/08/2015 – EM.com

O Índice de Confiança da Indústria (ICI) apurado na prévia da sondagem de agosto caiu 2,5% na comparação com o resultado final de julho, para 67,4 pontos, informou nesta quinta-feira, 20, a Fundação Getúlio Vargas (FGV). O dado indica que a confiança atingiu neste mês o menor nível de toda a série histórica, iniciada em 1995.

Na comparação com agosto de 2014, sem ajuste, a prévia anunciada hoje aponta recuo de 18,6% na confiança. Em julho, a confiança da indústria havia subido 1,5% em relação a junho, o primeiro resultado positivo após cinco quedas.

Com o resultado, a média histórica recente do indicador está em 97,8 pontos. "O resultado da prévia de agosto foi determinado pela piora tanto das avaliações sobre o momento presente quanto das expectativas em relação aos meses seguintes", informou a FGV, em nota oficial.

A prévia de agosto mostra que o Índice da Situação Atual (ISA) recuou 2,1% ante julho, para 68,8 pontos, o menor nível desde outubro de 1998 (67,3 pontos). Já o Índice de Expectativas (IE) caiu 2,8% no período, para 66,0 pontos, ao menor nível de toda a série.

#### **Nuci**

O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci) da indústria atingiu 77,9% em agosto, segundo a prévia da Sondagem da Indústria divulgada hoje pela FGV. O

resultado, já livre de influências sazonais, é menor do que o apurado no dado final da sondagem de julho, que foi de 78,2%.

A prévia dos resultados da Sondagem da Indústria abrange a consulta a 780 empresas entre os dias 3 e 17 deste mês. O resultado final da pesquisa referente a agosto será divulgado no próximo dia 26.

## **'Dados apontam para um terceiro trimestre ruim para a economia', diz economista**

20/08/2015 – EM.com

Além da forte recessão observada no 2.º trimestre, a economista Silvia Matos acredita que o 3.º trimestre vai seguir trazendo resultados negativos para a economia brasileira. "Infelizmente, os dados apontam para um 3.º trimestre ruim", afirma ela, também coordenadora do Boletim Macro do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV).

Segundo a economista, os números do IBC-Br divulgados na quarta-feira, 19, pelo Banco Central, confirmaram a expectativa do Ibre, de uma queda bem expressiva no 2.º trimestre quando comparado com o trimestre anterior.

"Os dados do IBC-Br indicam um recuo de 1,9%, e nós projetamos uma queda um pouco mais forte, de 2,1%", disse Silvia. Por enquanto, para este ano e para 2016, "estamos projetando uma recessão de 2,2% em 2015, mas devemos rever este número. Estamos revisando para uma queda um pouco acima de 2,5%, entre 2,5% e 3%. Para 2016, o carregamento estatístico fica mais negativo, e a gente também deve rever a projeção de queda de 0,1% para um resultado pior".

Quanto à expectativa para o 3º trimestre, Silva diz que "esperava que poderia ser um pouco melhor, mas infelizmente os dados apontam para um 3.º trimestre ruim". Isso porque, segundo ela, "o setor industrial está muito estocado e os indicadores de confiança setoriais estão ruins.

Já se sabia que a indústria iria desacelerar este ano, assim como a construção. Mas a piora do mercado de trabalho também contribuiu para uma desaceleração mais forte do setor de serviços e isso tem se intensificado. A nossa dúvida é saber se a economia vai conseguir ter uma recuperação no fim deste ano ou se isso vai ocorrer no começo de 2016".

A economista acredita que "em algum momento, o País vai colher frutos desse processo de ajuste como, por exemplo, em relação ao comportamento da inflação - talvez, não todo em 2016, por causa dos choques que podem vir dos administrados e da variação cambial. Mas quando há um ajuste forte cambial, há um reflexo nas contas externas".

Ela destaca que "uma coisa que está contribuindo para um cenário um pouquinho mais favorável não só neste ano, mas também em 2016, vem do ajuste externo. O ajuste cambial é relevante porque o déficit externo se tornou muito elevado para o nosso padrão. Mas seria importante dar um passo adiante para reduzir a avaliação de risco da economia".

Ela avalia que hoje o risco do País está muito envolvido com essa dificuldade política de não apontar as soluções de médio e longo prazo. "Estamos numa trajetória contínua de aumento de gastos acima das nossas possibilidades. O gasto deveria ser mais de acordo com o ciclo econômico. O cenário político tem tornado o ajuste um pouco mais doloroso e demorado."

## McDonald's será alvo de denúncias no Senado nesta quinta-feira

20/08/2015 – EM.com



A rede de lanchonetes McDonald's não vende apenas fast food. Exporta também um modelo empresarial que, se por um lado, resulta em lucros bilionários, por outro, é apontado como mau exemplo de relações trabalhistas e prejuízo para cofres públicos. O alerta será feito nesta quinta-feira pelo diretor de Campanhas Globais do Sindicato Internacional de Trabalhadores em Serviços (Seiu, a sigla em inglês), Scott Courtney, durante audiência pública no Senado.

“Pelo peso que o Brasil tem em termos mundiais, acredito que essa audiência representará o ponto de partida para maior conscientização sobre os problemas dessa rede não só para o Brasil, mas para todo o mundo”, disse Courtney ontem (19), em entrevista.

Nesse sentido, acrescentou, que o Brasil é estratégico não só por ser uma grande economia, mas por ter um modelo a ser seguido em termos de legislação trabalhista. “Com sua posição de destaque, o Brasil certamente nos ajudará a ampliar ainda mais o corpo das nossas campanhas de esclarecimento sobre os problemas trabalhistas que estão por trás do McDonald's e, dessa forma, encorajar as autoridades a enfrentar essa corporação.”

Courtney participa em Brasília do 1º Congresso Internacional dos Trabalhadores em Redes de Fast Food. O evento reúne, segundo os organizadores, 80 estrangeiros, entre trabalhadores, líderes sindicais e parlamentares de 20 países. Nas trocas de experiências neste e em eventos anteriores, Courtney chegou à conclusão que, por ser líder de mercado, a rede McDonald's não só “educa mal” as empresas do setor de alimentação, mas também propaga uma flexibilidade negativa nas leis e nas relações trabalhistas de outros países.

### **"Capitalismo canibal"**

“Nossa preocupação é evitar que os Estados Unidos exportem sua forma errada de conduzir as relações trabalhistas para outras países. Diferentemente do Brasil, nos EUA há, por exemplo, a possibilidade de se contabilizar como hora salário apenas os momentos em que há fregueses nos estabelecimentos, o que é feito pelo McDonald's. É o que chamo de 'capitalismo canibal'. Isso acaba sendo copiado por outras empresas. O McDonald's dá o tom para indústrias de vários setores e, com isso, aumenta o risco de piorar a situação de trabalhadores em países cujas leis trabalhistas não são tão avançadas quanto às do Brasil”, disse o norte-americano.

Ele destacou, no entanto, que a briga com o McDonald's já resultou na melhora da situação de trabalhadores norte-americanos, chegando ao ponto de o assunto ser abordado durante as campanhas presidenciais que elegeram Barack Obama. Na época, o carro-chefe do Seiu foi a mobilização chamada #FightFor15, na qual os funcionários da rede de lanchonetes pediam um pagamento mínimo de US\$ 15 por hora trabalhada. “Obama apoiou, em sua primeira eleição presidencial, US\$ 9, valor que depois, na reeleição, passou para US\$ 15.”

Segundo o sindicalista norte-americano, ao pagar baixos salários, a rede causa prejuízos também aos cofres públicos. "Um estudo feito nos EUA concluiu que os baixos salários pagos pelo McDonald's fazem com que o governo norte-americano tenha de desembolsar, a cada ano, US\$ 1,7 bilhão com subsídios de programas sociais, pagos exclusivamente a funcionários da empresa".

Além de pagar mal, disse ele, a rede usa paraísos fiscais para evitar o pagamento de impostos. "Na Europa, as evasões fiscais praticadas entre 2009 e 2013, por conta de paraísos fiscais como o de Luxemburgo, chegaram a 1,2 bilhão de euros", informou.

### **Alerta**

Courtney antecipou que, na audiência de hoje no Senado, fará um alerta aos parlamentares sobre os riscos que a terceirização de serviços representa para o Brasil. "As tentativas de terceirização serão um passo que o Brasil dará na direção do que é praticado por empresas como a rede McDonald's.

Mudanças nas leis trabalhistas não podem ser feitas rapidamente, mas de pouco em pouco. Não há dúvida sobre a influência que o modelo McDonald's tem para que essas mudanças ocorram, no sentido de tornar as leis trabalhistas mais flexíveis, prejudicando os direitos dos trabalhadores."

Para ele, no Brasil, o McDonald's tem cometido violações rotineiramente, tanto com seus trabalhadores quanto com seus franqueados. "No Paraná, foram encontradas crianças entre 14 e 16 anos exercendo atividades insalubres, com risco de queimaduras em fritadeiras e chapas quentes, além da limpeza de banheiros.

Situações similares foram identificadas nos EUA, onde funcionários eram inclusive orientados a colocar mostarda nas queimaduras.

Em Pernambuco, foram feitas denúncias trabalhistas contra a empresa, obrigando-a a assinar vários termos de ajustes de conduta. O McDonald's, no entanto, nunca os cumpriu."

Em relação aos problemas na relação da empresa com suas franqueadas, Courtney afirmou que o modelo utilizado é muito rígido e impõe regras e cobranças abusivas.

"É uma relação hierárquica muito forte, que dá pouca manobra às franqueadas. Isso não é desejado em acordos entre empresas porque, entre outras coisas, as obriga a dar exclusividade para a compra de diversos produtos, como tomates e batatas".

Procurada, a assessoria do McDonald's informou que respeita seus funcionários e que tem "absoluta convicção" do cumprimento da legislação. Em nota, disse que a empresa tem "orgulho de ser a porta de entrada de milhares de jovens no mercado de trabalho" e que suas práticas laborais "são premiadas e reconhecidas pelo mercado".

A rede informou ainda que, inclusive, já recebeu o selo Primeiro Emprego do Ministério do Trabalho e que recentemente foi premiada como a 13ª Melhor Empresa para Trabalhar, pelo Great Place to Work.

"Nossos funcionários recebem treinamento contínuo, tanto para as funções operacionais quanto para valores como trabalho em equipe, comunicação, liderança e hospitalidade. Em mais de três décadas de Brasil, a empresa já capacitou mais de 1,5 milhão de pessoas."

## **Afif critica apoio a grandes empresas**

20/08/2015 – EM.com

O ministro da Secretaria de Micro e Pequena, Guilherme Afif Domingos, criticou nesta quarta-feira, a liberação de R\$ 8,1 bilhões de bancos públicos para o setor automotivo. Afif disse que o setor das micro e pequenas empresas vem mantendo emprego e lamentou que ele tenha sido "esquecido".

"Momento de crise é para se apoiar o pequeno empresário. Hoje vimos, por exemplo, a liberação de grandes recursos para grandes empresas, e a micro e pequena empresa acaba sendo esquecida na hora de fazer a distribuição de recursos. É ela quem está dando emprego e renda", disse, ao sair de reunião com o presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ).

Afif destacou que o setor que representa mantém uma geração de emprego positiva, enquanto as médias e grandes empresas desempregaram quase 500 mil trabalhadores no primeiro semestre. Para ele, é preciso "olhar a massa de pequenos", que estão dando emprego. Ele disse considerar "óbvio" que o caminho para sair da crise econômica é investir nas micro e pequenas.

"Hoje o que a gente vê é a liberação de recursos não para a produção, mas para o consumo. Gente, precisa ficar claro: quem precisa de recursos é a produção, porque é ela quem vai diminuir a inflação. Aumentar o consumo neste instante não é o caminho", opinou.

O ministro acompanhou um grupo da Frente Parlamentar da Pequena e Micro Empresa para pedir a Cunha agilidade na aprovação do projeto "Crescer sem Medo". A proposta modifica as tabelas do Simples para que empresas possam crescer sem temer sair do Simples de forma abrupta.

## **Trabalhadores não conseguiram repor inflação em acordos salariais de julho, informa Fipe**

20/08/2015 – EM.com

Os acordos coletivos de negociação salarial firmados em julho, com reajuste médio de 4,4%, não foram suficientes para repor a inflação de 9,3% acumulada em 12 meses, pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC).

Dessa forma, os trabalhadores brasileiros com carteira assinada tiveram, em termos reais, uma perda média de 4,9% em seus rendimentos, segundo levantamento da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) com base em dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). "Mais uma vez, os trabalhadores não conseguiram repor a inflação passada", diz o boletim.

Assim como no mês passado, em abril os salários já haviam encolhido 0,3%, descontada a inflação. Estes dois casos refletem, de um lado, a escalada do INPC, que passou de cerca de 6% para mais de 9% entre janeiro de julho deste ano.

Por outro lado, os reajustes médios, que variavam entre 7% e 9% e garantiam a reposição da inflação, caíram quase pela metade no sétimo mês do ano, para 4,4%.

Segundo a Fipe, este dado "mostra claramente que o cenário macroeconômico continua a pressionar para baixo o resultado das negociações coletivas".

## Setores

Na análise dos dados do sistema Mediador, do MTE, por setor de atividade, a Fipe detectou que aumentou o número de setores que passaram a registrar perda real nos rendimentos nos 12 meses encerrados em julho de 2015.

Além do agronegócio da cana-de-açúcar (-0,36%), que já estava no negativo em junho, outros serviços (-0,20%), artefatos de borracha (-0,02%) e indústria cinematográfica e fotografia (-0,01%) engrossam a lista em julho. As empresas jornalísticas aparecem em seguida, com o menor ganho real no período, de apenas 0,09%.

Na ponta de cima da tabela, permanecem as mesmas cinco categorias que tiveram os maiores ganhos médios reais nos 12 meses encerrados em julho de 2015. Em primeiro lugar mais uma vez, os trabalhadores celetistas da administração pública tiveram aumento de 2,88%, já descontada a inflação.

Em seguida, aparecem os segmentos de limpeza urbana e asseio (2,27%), estacionamentos e garagens (1,97%), bancos e serviços financeiros (1,77%) e condomínios e edifícios (1,64%).

No recorte geográfico, os cinco Estados com reajustes reais mais significativos nos 12 meses encerrados em julho são Ceará (1,25%), Alagoas (1,22%), São Paulo (1,15%), Paraná (1,13%) e Sergipe (1,13%).

Em junho, esses mesmos Estados já ocupavam as cinco primeiras colocações, porém em posições diferentes. Já na ponta de baixo da tabela, mais uma vez reajustes médios impuseram perdas reais aos contratados com carteira assinada no Amapá (-0,20%) e no Acre (-0,18%). Em seguida, com os ganhos salariais menos expressivos no período estão Espírito Santo (0,15%), Goiás (0,36%) e Roraima (0,45%).

## **Reforma do PIS/Cofins vai garantir ganho de produtividade às empresas, diz Levy**

20/08/2015 – EM.com

O ministro da Fazenda, Joaquim Levy, disse hoje que o ganho de produtividade das empresas no país será notável se o governo conseguir aprovar no Congresso a reforma do Programa de Integração Social (PIS) e da Contribuição para Financiamento da Seguridade Social (Cofins).

“Se vai dar meio por cento no PIB a mais, se vai dar um quarto ou até um por cento do PIB vamos descobrir, até porque vamos fazer isso gradualmente, para não ter surpresas. Mas pode transformar a vida das nossas companhias e diminuir o número de horas gastas calculando e pagando imposto dramaticamente”, disse Levy, para uma plateia de exportadores na 34ª edição do Encontro de Comércio Exterior (Enaex), no Centro de Convenções SulAmérica, no centro do Rio.

Levy destacou que, atualmente, há duas reformas na área tributária em discussão no Congresso, que se realizadas, vão tornar os impostos mais eficientes e ajudar o funcionamento da economia brasileira.

Além do PIS/Cofins, ele apontou as mudanças no Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação (ICMS). Na avaliação dele, os dois tributos representam impostos mais altos, tanto para as pessoas como para as empresas.

“Hoje tem que decidir se o insumo entrou ou não entrou no seu produto, se foi incorporado ou não foi incorporado. Com a nova reforma, essa discussão meio bizantina



desaparece: gastou, tem direito de crédito. No caso das exportações, haverá um tratamento especial para aquelas empresas que são predominantemente exportadoras. Também se poderá vender sem cobrar o PIS/Cofins, de tal maneira que não se acumule créditos desnecessariamente", explicou o ministro.

Segundo Levy, a reforma do PIS/Cofins é fundamental e tem como objetivo simplificar a vida das empresas, baixar o custo delas, além de garantir mais segurança jurídica "e evitar dúvidas que acabam nos tribunais administrativos".

Como exemplo, disse que um dos maiores problemas no Carf era o PIS/Cofins. Agora, com a reforma, tudo será simplificado, garantiu resultando em economia de dinheiro, tempo e energia das empresas.

Para o ministro, se a reforma ocorrer como pretende o governo, o resultado será a melhoria na eficiência da economia porque todos os setores vão poder competir de forma semelhante. Ele negou que a intenção do governo, ao propor a mudança, seja o aumento da carga tributária, "muito menos fazer um ardil. Eu não sou uma pessoa de fazer ardis".

### **Crise no emprego industrial hoje é mais grave do que em 2009, diz Iedi**

20/08/2015 – EM.com

A situação do emprego industrial em 2015 é pior que na crise financeira global, avalia o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi). A queda de 5,2% do emprego na indústria no primeiro semestre, divulgada nesta quarta-feira, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é mais severa do que a registrada no auge da crise de 2009.

Naquele ano a atividade industrial doméstica encolhia e o emprego do setor recuou 4,8% nos seis primeiros meses do ano, destaca o instituto em análise da Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (PIMES).

"O que parece ser hoje tão ruim quanto em 2009 é, em verdade, pior. A retração do emprego industrial em 2015 ocorre após três anos consecutivos de resultados adversos (-1,4% em 2012, -1,1% em 2013 e -3,2% em 2014)", diz o documento.

Para o Iedi, o quadro atual é mais grave porque naquela época a crise vinha de fora. Apesar do desaquecimento da economia global ainda afetar a indústria nacional, a interpretação do instituto é que o desempenho pífio da economia brasileira em 2015, num cenário de forte ajuste das contas do governo e num ambiente de pessimista - em boa parte em decorrência das incertezas políticas - tem levado a indústria nacional a amargar uma crise que não é observada em sua história recente.

No ano passado, a produção industrial caiu 3,1% e, neste ano, a taxa em doze meses recua 5,0%. A projeção para o número de ocupados na indústria é de retrocesso de mais de 4,5% em 2015.

O Iedi chama atenção para o aprofundamento da crise no emprego industrial ao longo do ano, com recuo de 0,7% no primeiro trimestre e de 2,4% no segundo, ao se comparar trimestre com trimestre imediatamente anterior com ajuste sazonal; e taxa negativa de -4,6% e -5,8%, respectivamente, no primeiro e segundo trimestres deste ano se a comparação é feita com iguais trimestres de 2014.

Outro ponto negativo ressaltado pelo instituto é que a crise é geral, isto é, ocorre em todos os ramos da indústria. Além da queda brusca em segmentos como meios de transporte (-9,9%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-12,5%),

também estão sendo atingidos segmentos tradicionais da economia como vestuário (-5,4%), calçados e couro (-7,5%), metalurgia básica (-6,5%), refino de petróleo e produção de álcool (-6,3%), indústrias extrativas (-4,6%) e produtos têxteis (-2,9%). Apesar de pouco otimista, o Iedi acredita que no segundo semestre poderá haver algum abrandamento da escalada da crise do emprego industrial. Isso porque os ajustes mais duros teriam sido feitos no primeiro semestre.

"O número de horas pagas, que recuara 0,3%, 1,2% e 1,3%, nessa ordem, em março, abril e maio, caiu menos em junho (-0,6%); um possível sinal de que o sangramento no mercado de trabalho da indústria nacional pode estar começando a ser estancado", aponta.

## **Inadimplência das empresas registra alta de 6,6%, mostra Serasa**

20/08/2015 – EM.com

A inadimplência das empresas teve crescimento de 6,6% em julho, na comparação com junho, segundo a empresa de consultoria Serasa Experian. Na comparação com julho de 2014, o índice teve elevação de 12,6%.

No acumulado deste ano até julho, na comparação com o mesmo período do ano anterior, o índice teve elevação de 12,9%. Este foi o maior percentual nesta comparação desde 2012, quando foi observado aumento de 15,2%.

Os títulos protestados foram os que mais pesaram para a alta do índice no mês, com crescimento de 14,2%. As dívidas não bancárias, como de cartões de crédito, financeiras, lojas em geral, prestadoras de serviços como telefonia e fornecimento de energia elétrica e água, subiram 4,2%. Os cheques sem fundos, 11,9%. A inadimplência com os bancos teve queda de 1,9%.

O valor médio dos títulos protestados cresceu 14,1% de janeiro a julho, na comparação com o mesmo período do ano anterior. O valor médio dos cheques sem fundos e das dívidas não bancárias apresentaram alta de 8,5% e 0,5%, respectivamente. O valor médio da inadimplência com os bancos registrou queda de 17,6%.

Segundo os economistas da Serasa Experian, a recessão econômica vem afetando negativamente a geração de caixa das empresas e o encarecimento do crédito pelas sucessivas elevações das taxas de juros, aumentando as despesas financeiras e prejudicado a saúde financeira das empresas brasileiras.

## **BNDES capta empréstimo de R\$ 1 bilhão para financiar transporte público**

20/08/2015 – Automotive Business

O **BNDES** – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – tomou um empréstimo de R\$ 1 bilhão, equivalentes a € 256 milhões, com o KfW, banco alemão de desenvolvimento, para financiar projetos pelo Programa de Desenvolvimento Urbano Sustentável, que tem como objetivo apoiar projetos de transporte público eficientes e amigáveis ao meio-ambiente em áreas metropolitanas brasileiras executados por empresas nacionais.

O contrato assinado na última segunda-feira, 17, representa a 14ª operação de empréstimo firmada entre os dois órgãos, que mantêm parceria há 50 anos.

Em 2015, o BNDES já captou aproximadamente US\$ 765 milhões com instituições oficiais internacionais, para projetos de geração de energia renovável, mobilidade urbana e

plantas industriais. O KfW integra um grupo financeiro controlado em 80% pela República Federal da Alemanha e em 20% pelos seus estados federados.

Foi criado em 1948 com o objetivo de financiar projetos de reconstrução da economia alemã no pós-guerra. Desde então, diversificou bastante suas atividades, passando também a financiar investimentos fora da Alemanha.

O apoio aos países em desenvolvimento é realizado no âmbito de uma Cooperação Financeira Oficial promovida pelo Ministério Alemão de Cooperação Econômica e do Desenvolvimento (BMZ).

## **Emprego industrial tem pior semestre em 14 anos**

20/08/2015 – Gazeta do Povo

O emprego industrial teve o pior semestre desde dezembro de 2000, início da série histórica da pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A constatação vale tanto para a variável de pessoal ocupado assalariado quanto para a de total de horas pagas, que acumularam queda de 5,2% e 5,8% de janeiro a junho.

A pesquisa do IBGE também revela que a quantidade de pessoas empregadas em junho ficou 12,8% abaixo do pico histórico, registrado em julho de 2008.

“O cenário do mercado de trabalho permanece no campo negativo há algum tempo e com a magnitude das perdas se intensificando mês a mês. Isso não pode ser dissociado da trajetória descendente da produção industrial brasileira desde outubro de 2013”, diz o gerente da coordenação de indústria do IBGE, André Macedo.

### ***Pior que em 2009***

A situação do emprego industrial em 2015 é pior que na crise financeira global, avalia o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi). A queda de 5,2% é mais severa do que a registrada no auge da crise de 2009.

Naquele ano a atividade industrial doméstica encolhia e o emprego do setor recuou 4,8% nos seis primeiros meses do ano, destaca o instituto em análise da Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (PIMES).

Desde outubro de 2013 a produção industrial teve redução de 10,2%. Nesse mesmo período, o total do pessoal ocupado e do número de horas pagas também mostraram perdas: de -8,3% e de -8,8%, respectivamente. Para o técnico a queda acumulada de 6,3% da produção na indústria de janeiro a junho de 2015 sinaliza que não deve haver uma mudança significativa nesse quadro.

O cenário, lembra, ainda é desfavorável com baixo nível de confiança do empresariado e das famílias, inflação pressionando a renda e a demanda doméstica, além do aperto no crédito.

### ***Baixa disseminada***

Tanto na comparação contra o mês de junho do ano passado, quanto no índice acumulado dos seis primeiros meses do ano as taxas negativas foram disseminadas pelos dezoito setores da indústria investigados pelo IBGE.

No primeiro semestre as contribuições negativas mais relevantes vieram de meios de transporte (-9,9%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-12,5%), produtos de metal (-10,2%).

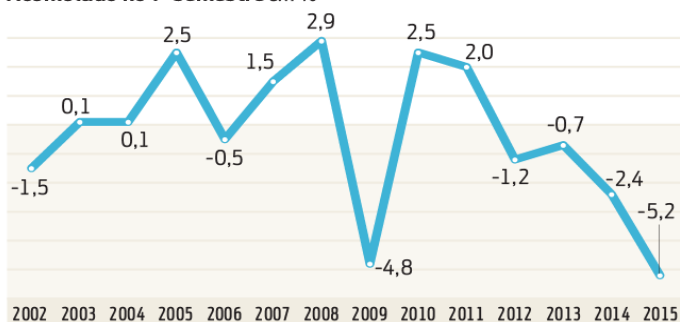
Apesar do perfil disseminado de perdas, Macedo destaca que a queda mais importante do mercado de trabalho está concentrada na indústria automobilística.

De acordo com Macedo, o emprego no segmento meios de transporte (quem têm a indústria automotiva como carro-chefe, além de motocicletas e indústria naval) apresentou queda pelo 19º mês consecutivo, tendo os últimos quatro meses registrado taxas negativas de dois dígitos. No acumulado do ano a queda é de 9,9%.

## DEMISSÕES

O emprego na indústria brasileira acumulou uma redução de 5,2% no primeiro semestre deste ano. É o corte mais drásticos nos postos de trabalho desde o início da série histórica, em 2001:

Acumulado no 1º semestre em %



Setores que mais cortaram vagas em %

Todos os ramos industriais pesquisados cortaram pessoal no primeiro semestre, com destaque para:	Máquinas e aparelhos elétricos, eletrônicos e de comunicações	-12,5	■
	Produtos de metal	-10,2	■
	Fabricação de meios de transporte	-9,9	■
	Fabricação de outros produtos da indústria de transformação	-8,7	■
	Calçados e couro	-7,5	■

Fonte: IBGE.  
Infografia: GP.

### **Acordo com montadoras terá impacto marginal**

Em um primeiro momento, os acordos celebrados entre o Banco do Brasil, nesta quarta-feira (19), e a Caixa Econômica Federal, na terça-feira (18), com as principais associações do setor automotivo terão um impacto "marginal" sobre o mercado de trabalho, na avaliação do presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores (Sindipeças), Paulo Roberto Butori.

Apontados como saídas para limitar as demissões no setor, os acordos preveem apoio financeiro às empresas da cadeia automotiva, como juros mais baixos, diminuição do prazo de concessão dos financiamentos e alargamento do período de pagamentos.

Não há nos contratos, porém, condicionantes como limite de demissões ou obrigatoriedade formal de manutenção do nível de emprego nas empresas que firmaram os convênios.

Na avaliação de Butori, os reflexos destas propostas no mercado de trabalho se darão no longo prazo, à medida que o crédito contribuir para a retomada da cadeia automotiva com aumento do número de pedidos, retomada da produção e, por consequência, maior necessidade de mão de obra.

## **Governo planeja pagar ainda em setembro metade do 13º a aposentados**

20/08/2015 – Gazeta do Povo

Para evitar um desgaste político maior, o governo planeja pagar ainda em setembro a metade do 13º das aposentadorias, segundo apurou o jornal *O Estado de S. Paulo*. Embora não obrigatório, o adiantamento no mês de agosto de 50% do benefício tem sido feito desde 2006, após acordo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva com as centrais sindicais.

Neste ano, porém, o Ministério da Fazenda orientou a Previdência a não pagar o benefício em agosto por enfrentar dificuldades de caixa. A posição de Joaquim Levy, porém, não agradou a outros ministros, que defendem o pagamento do benefício antes de dezembro, prática dos últimos anos.

No encontro que teve com a presidente no sábado – um dia após vir a público que a Fazenda não incluiu o adiantamento na folha de agosto –, Lula aconselhou a presidente a pagar logo a metade do 13º dos aposentados e a não comprar mais essa briga, como informou o jornal.

A folha de pagamento de agosto dos aposentados já foi rodada sem o adiantamento da metade do 13º. Seria tecnicamente possível que a metade do benefício fosse paga ainda neste mês, mas essa não será a saída. A antecipação será feita nos próximos meses, provavelmente em setembro, "mas tudo depende dos recursos disponíveis", disse um dos auxiliares de Dilma.

### **Gasto**

No ano passado, a Previdência gastou R\$ 13,9 bilhões com esse pagamento. Ao todo, mais de 27 milhões de beneficiários receberam a antecipação. O Sindicato Nacional dos Aposentados, Pensionistas e Idosos ingressou na terça-feira com uma ação no Supremo Tribunal Federal para questionar a falta de adiantamento.

## **Projeto que eleva teto do Simples é "pauta-bomba de chocolate", diz Afif**

20/08/2015 – Portal Contábil

O ministro da Secretaria da Micro e Pequena Empresa, Afif Domingos, se reuniu nesta quarta-feira (19) com o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), para defender a aprovação de um projeto que aumenta o teto de faturamento para que uma empresa possa participar do Simples Nacional. Segundo ele, a proposta é uma "bomba de chocolate", em referência à chamada "pauta-bomba".

O Simples é um regime tributário especial permite o pagamento, numa única guia, de oito impostos, facilitando o sistema de contabilidade das empresas. Hoje, a empresa pode faturar até R\$ 3,6 milhões por ano para ser incluída no programa.

Com a mudança, o teto passa para R\$ 7,4 milhões nos setores de comércio e serviços e de R\$ 14,4 milhões no caso da indústria. O impacto fiscal estimado é de R\$ 2 bilhões na queda de arrecadação.

Apesar disso, para Afif não se trata de um item da "pauta-bomba", como são chamados os projetos com impacto nas contas públicas. "Se for aprovado, será uma bomba de chocolate", disse. "Ao analisar a massa dos empregos, vemos que são as micro e pequenas empresas que estão segurando os empregos", justificou o ministro.

Afif defendeu o desempenho do setor em meio à crise econômica e destacou que,

segundo dados da FGV/Sebrae, as micro e pequenas empresas geraram 116,5 mil empregos até em junho de 2015, enquanto as grandes empresas viram 476,6 mil vagas serem fechadas no período.

O objetivo da proposta, segundo o ministro, é evitar que as empresas segurem o faturamento para não ultrapassar o limite e cair em outro sistema de tributação, mais complicado. Apesar do impacto nas contas públicas, ele sustentou que a perda será compensada com a geração de empregos no setor.

Batizado de "Crescer Sem Medo", o projeto também prevê a adoção de faixas progressivas de tributação entre esses níveis. Afif disse que saiu da reunião com Cunha com a promessa recebida de que o texto será colocado em votação na semana que vem.

Ele disse que ainda não conversou com o ministro da Fazenda, Joaquim Levy, sobre o projeto, mas acredita que o governo não colocará obstáculos à aprovação. "Não acredito [que o ministro será contra]. Isso é muito bom para o Brasil", disse.

## **Sem acordo, Mercedes confirma demissões**

20/08/2015 – Automotive Business



Termina sem acordo as duas reuniões entre representantes da Mercedes-Benz e do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo (SP) realizadas nos dias 17 e 18. Tanto montadora como sindicato confirmam o impasse entre as duas partes e a ausência de outras alternativas além das que foram discutidas.

Como não houve consenso, a Mercedes-Benz informa em nota divulgada na quarta-feira, 19, que oficializará as demissões dos trabalhadores a partir de 1º de setembro na planta paulista, onde calcula excedente de mão de obra em 2 mil pessoas, conforme já havia sinalizado.

Por sua vez, o sindicato informa que caso a montadora concretize as demissões, vai iniciar "um processo de luta" (greve). Segundo o sindicato, a empresa não aceitou aderir ao PPE (Programa de Proteção ao Emprego), alternativa sugerida pelo próprio sindicato a fim de evitar os desligamentos na fábrica, onde são produzidos caminhões, chassis de ônibus, motores, eixos e transmissões. Os trabalhadores aprovaram em assembleia a autorização ao sindicato de negociar as condições do PPE junto à montadora.

Durante as reuniões, as duas partes tentaram buscar formas de solucionar a viabilidade de adoção do PPE, que neste caso, previa redução de jornada em 20% com redução salarial de 10%.

Para a Mercedes, "a adoção isolada do programa não é suficiente para continuarmos a administrar o contínuo excesso de pessoas na unidade, considerando nossa atual ociosidade de quase 50% na fábrica, além das expectativas negativas de recuperação do mercado em 2016".

Durante a negociação, a empresa alegou ser necessária a adoção de outras medidas além do PPE, como a reposição parcial da inflação nos salários no próximo ano, proposta que já tinha sido rejeitada pelo sindicato, bem como o nível de redução da jornada e de salário.

“Em que pese outras diversas propostas que fizemos, a empresa permaneceu irredutível. Ela sequer concordou em que pudéssemos discutir alternativas com os trabalhadores após o retorno da licença remunerada, que ocorre na próxima segunda-feira, dia 24, e manifestou que vai iniciar o processo de demissões do excedente ainda antes do retorno do pessoal. Obviamente não vamos aceitar isso”, destacou Sérgio Nobre, diretor do sindicato.

## **Nissan atinge 250 mil veículos montados no País**

20/08/2015 – Automotive Business



A Nissan atingiu a marca de 250 mil veículos produzidos no Brasil. O total considera as fábricas de São José dos Pinhais (PR) e Resende (RJ, desde 2014). A unidade histórica, um New March SL 1.6 16V vermelho, foi fabricada no Complexo Industrial de Resende (RJ), inaugurado no dia 15 de abril do ano passado.

A planta do sul fluminense também produz o sedã Versa e os motores 1.0 de três cilindros e 1.6 de quatro cilindros que equipam os dois modelos. A Nissan começou a produzir no Brasil em 2002, na fábrica unidade da Aliança Renault-Nissan, em São José dos Pinhais (PR). Seu primeiro veículo nacionalizado foi a picape Frontier.

Com mais de 120 mil unidades vendidas, a caminhonete continua a ser fabricada na planta paranaense, onde já foram montados também o utilitário esportivo X-Terra e as minivans Livina e Grand Livina.

## **Retomada vai demorar de 2 a 3 anos**

20/08/2015 – Automotive Business



Dos 360 participantes do Workshop Planejamento 2016, promovido por Automotive Business na segunda-feira, 17, a maioria esmagadora, 79%, avalia que a retomada do setor automotivo só virá entre os próximos dois ou três anos, sendo que 49,6% acredita em uma reação positiva das vendas em até dois anos. Esta foi uma das percepções dos representantes da cadeia produtiva nas duas pesquisas eletrônicas conduzidas pela

Deloitte durante o evento. Outros 8,8% apostam em retomada já no próximo ano enquanto 12,3% pontua um cenário mais favorável só em quatro anos.

- Para ver o resultado completo da pesquisa eletrônica da Deloitte, [clique aqui](#).

Boa parte dos votantes – 60,4% - aponta que a queda nas vendas esperada para este ano deve ficar entre 20% e 25% contra o resultado do ano passado, quando foram emplacados 3,49 milhões de veículos novos, entre leves e pesados. Já 22,3% votaram que a retração do mercado ficará entre 15% e 20%. Uma parcela dos participantes menos expressiva, de 3,9%, aponta retração de 10% a 15%, enquanto 13,4% esperam um tombo acima de 25%.

A falta de confiança dos consumidores sobre sua estabilidade no emprego (57,5%) e o cenário econômico adverso (28,4%) foram apontados como os principais problemas atuais para a venda de veículos.

Apesar das diferentes opiniões, 80% dos participantes concordam que em 2016 o mercado deverá estar no mesmo cenário deste ano ou apresentará pequena melhora. A minoria mais pessimista de 2,4% espera uma grande piora do resultado do setor para o ano que vem.

A maior dificuldade ainda deverá ser a necessidade de corte de custos e despesas, apontada por 51,9% dos participantes, seguido pelo aumento da liquidez da empresa, visto como prioridade por 27,4%. A realização de novos investimentos e a manutenção dos empregos figura como os fatores de maior importância para 14,7% e 6%, respectivamente.

Quando questionados sobre qual seria o estímulo mais importante para ajudar o setor no cenário atual, as melhores taxas de financiamento e de crédito para os consumidores são apontadas por 35,6% como a melhor saída neste momento.

No entanto, houve bastante equilíbrio nas demais opções: 17,8% votaram em apoio para manutenção dos empregos e o mesmo número indicou políticas de promoção para exportação. Acordos comerciais com outros países e blocos econômicos foram a preferência de 16,4% e 12,4% votaram no retorno da redução do IPI.

Mais de 48% vislumbra que a existência de acordos para a conquista de novos mercados indica ser o melhor estímulo para a melhora das exportações do setor, além de incentivos tributários, preferência de 22,6%. A taxa de câmbio favorável foi apontada por 18,1% e a diminuição dos custos de investimentos (taxas de juros) é a preferência de 10,8% dos participantes.

A maioria dos representantes das empresas da cadeia automotiva sugeriram que as montadoras devem focar em eficiência e custo, além de estabelecer longas relações com seus fornecedores quando questionados sobre as estratégias para que seus clientes melhorem o desempenho.

Quando a avaliação é sobre melhorar o desempenho das autopeças, os presentes concordaram que o mais urgente é foco em eficiência e custo e também investimentos em inovação e tecnologia.

As dificuldades que devem perdurar no curto prazo podem acarretar em consequências extremas, como a redução do número de empresas do setor de autopeças: 65,2% aposta que o número de empresas vai diminuir. Do total de votantes, 38,4% acredita que essa diminuição será resultado do fechamento das companhias, enquanto 46,6% aposta em movimentos de fusões e aquisições.



## **Ajuda a setor expõe fragilidade de incentivo à produção automotiva**

20/08/2015 – Folha de S. Paulo



Embora necessária, a ajuda ao setor de autopeças expõe a fragilidade dos incentivos à produção de automóveis no Brasil. Todas as energias foram concentradas no mercado local, criando um vínculo de dependência. Se as vendas caem, os estoques das montadoras crescem e a produção para, os fornecedores entram em colapso.

Não por acaso, várias empresas que fornecem componentes às linhas de montagem estão entre as primeiras a aderir ao Programa de Proteção ao Emprego. Sem iniciativas que aumentem a competitividade global das sistemistas, resta recorrer à mão estendida pelos bancos estatais, solução que joga o problema para o futuro, na expectativa da retomada dos negócios.

São poucas as empresas instaladas no Brasil que têm capacidade para fortalecer o setor de exportações em um momento de dólar em alta. As que conseguem são, em maioria, multinacionais.

A crise é mais aguda para os fornecedores nacionais de pequeno e médio porte, que aceleraram os investimentos para atender à crescente demanda das montadoras entre 2003 e 2012. Muitos ainda estão pagando os empréstimos de longo prazo feitos para ampliar a produção.

Essas empresas respondem por boa parte das 50 mil demissões que ocorreram no setor de autopeças nos últimos 18 meses, de acordo com estimativa do Sindepeças (Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores).

## **PPG tem novo diretor-presidente para América Latina**

20/08/2015 – Folha de S. Paulo

A PPG Industries anuncia Márcio Grossmann como seu novo diretor-presidente do grupo para Brasil e América Latina. Em seu novo cargo, o executivo terá como prioridade reforçar a posição da empresa em seu segmento de atuação, o de tintas e revestimentos, e dar continuidade às estratégias próprias para o mercado brasileiro e para as necessidades dos clientes em toda a região.

Na empresa desde julho de 2012, Grossmann ocupava o cargo de diretor de manufatura. Ele atuou ainda em outras frentes e projetos. Em seus 16 anos de trajetória na indústria automotiva, o executivo possui vasta experiência nas áreas de processo químico, procedimentos e ferramentas de produção e de gestão. Ao longo de sua carreira, passou por companhias como Basf e Mars em cargos no Brasil, China, África do Sul e Rússia.

Com graduação em Engenharia Química pela Universidade Estadual de Campinas

(Unicamp), possui especialização em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

## **Trabalhar mais de 55 horas semanais aumenta risco de enfarte, mostra estudo**

20/08/2015 – Agência Brasil

Trabalhar 55 horas ou mais por semana aumenta em 33% o risco de enfarte, quando se compara com uma jornada de 35 a 40 horas semanais, mostra estudo divulgado hoje (20).

Com base em investigações envolvendo 528.908 homens e mulheres, seguidos durante 7,2 anos, o aumento do risco de enfarte mantinha-se mesmo quando se retirava o consumo de cigarro e álcool e a atividade física.

Publicado pela revista *The Lancet*, o estudo conclui que, em comparação com pessoas que têm uma semana regular, aqueles que trabalham entre 41 e 48 horas tinham um risco acrescido de 10%, enquanto os que trabalham entre 49 horas e 54 horas enfrentam risco extra de 27%.

No caso de a pessoa trabalhar 55 horas ou mais por semana, o risco de enfarte aumenta 33%, indica o estudo. Uma longa semana de trabalho também aumenta o risco de doenças cardíacas em 13%, mesmo levando-se em conta fatores de risco como a idade, o gênero e o nível socioeconômico.

Os pesquisadores constataram que a baixa atividade física, o elevado consumo de álcool e o estresse frequente elevam o risco. “Os profissionais de saúde deveriam estar conscientes de que trabalhar longas horas está associado a um significativo aumento do risco de enfarte e, possivelmente, de doenças cardíacas”, diz ainda o estudo.

## **Jürgen Kneissler assume cargo na Cooper Standard**

20/08/2015 – Agência Brasil



Jürgen Kneissler assume neste mês a direção geral da Cooper Standard para a América Latina, empresa especializada em sistemas de vedação, antivibração e em componentes para transferência de freio e combustível.

Com 30 anos de experiência no setor automotivo, o executivo passou um longo período na Webasto, fabricante de tetos solares, além de ter trabalhado na ZF e Keiper Recaro.

“A Cooper Standard tem buscado empregar os seus esforços cada vez mais direcionados a ações inovadoras e tem, com isso, se consolidado no mercado como uma marca forte e de grande credibilidade. Porém, sabemos que isso nunca seria possível sem a obtenção de grandes parcerias e uma grande equipe, preparada e focada nas demandas das montadoras”, declara Kneissler.

## **BNDES amplia acesso a capital de giro para empresas de todos os portes**

20/08/2015 – BNDES

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) ampliou o acesso ao seu programa de financiamento de capital de giro. A partir de agora, companhias de todos os portes e de todos os setores da economia podem solicitar recursos do Programa BNDES de Apoio ao Fortalecimento da Capacidade de Geração de Emprego e Renda (BNDES Progeren), sem restrições.

Antes, o programa era acessível por micro, pequenas e médias empresas (MPMEs), mas excluía grandes empresas de algumas categorias. O Banco realizou as mudanças porque considera que, no momento econômico atual, é necessário dar mais fôlego financeiro às empresas.

O limite por beneficiário foi ampliado de R\$ 20 milhões para R\$ 70 milhões. Excepcionalmente, para o setor sucroalcooleiro, este limite é de R\$ 130 milhões. O prazo para pagamento dos empréstimos é de 60 meses, incluindo 24 meses de carência.

A dotação orçamentária do BNDES Progeren é de R\$ 7,7 bilhões, com vigência até o final de 2015. O programa opera apenas na modalidade indireta, e para requisitar os recursos é necessário entrar em contato com qualquer banco comercial que seja agente financeiro do BNDES (a grande maioria dos bancos brasileiros).

**Condições** – As melhores condições do programa são oferecidas para micro, pequenas e médias empresas (MPMEs). As companhias de menor porte pagarão custo financeiro de Selic, spread de 0,4% ao ano e taxa de intermediação financeira de 0,1%, além do spread do agente financeiro.

Para as médias e grandes, o spread do BNDES é de 1,3% e 2% ao ano, respectivamente, e também incide a taxa de intermediação financeira, de 0,5%, além do spread do agente financeiro. As novas condições do programa serão divulgadas pelo BNDES aos agentes financeiros por meio de carta circular até o próximo dia 21 de agosto.

## **IBC-Br mostra economia em recessão**

20/08/2015 – Diário do Comércio

Por causa da crise econômica e política, baixa confiança das empresas e das famílias e, conseqüentemente, retração de investimentos e consumo, a economia brasileira encolheu nada menos que 1,89% no segundo trimestre do ano, aponta o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br). "O pior desempenho desde o primeiro trimestre de 2009, no auge da crise financeira mundial.

Segundo o BC, esse foi o terceiro trimestre seguido de retração. Apenas dois períodos já caracterizam o que os economistas chamam de recessão técnica. O dado reforça as apostas de queda de até 2% da atividade neste ano. No ano da turbulência global, a economia recuou 0,2%.

"A diferença é que em 2009, a retração da economia foi reflexo de um choque global. O consumo desabou porque a confiança desabou, mas logo se recuperou por causa dos estímulos dados. O problema é que, por um diagnóstico errado, o incentivo ao consumo continuou quando não precisava mais e gerou inflação e descontrole de gastos públicos",

explicou o economista do Banco Espírito Santo (BES), Flávio Serrano. Conforme ele, agora, estamos passando por um ajuste por causa dos nossos próprios erros.

De acordo com o índice do BC que mede o comportamento da atividade, houve recuo de 2,58% no primeiro semestre e, em 12 meses, de 1,64%. O resultado oficial do Produto Interno Bruto (PIB) do segundo trimestre e acumulado no primeiro semestre será divulgado em 28 de agosto pelo IBGE.

Para controlar artificialmente a inflação, o governo represou aumento de tarifas. Mesmo com a alta das previsões de preços, segurou o aumento dos juros para depois da reeleição da presidente Dilma Rousseff no ano passado. Após a votação, passou a apertar com força a política monetária e impôs um freio à economia. Os dados do BC refletem isso.

O desempenho do segundo trimestre mostrou uma aceleração dessa retração econômica. O IBC-Br foi levemente pior que a expectativa dos analistas do mercado financeiro, que já era de um forte resultado negativo: queda de 1,8%.

Em junho, houve queda de 0,58%, também levemente pior do que a previsão dos economistas, que era de retração de 0,55%. Os dados, divulgados ontem refletem uma seqüência de deterioração do desempenho da indústria, do comércio e do setor de serviços.

**Indicadores** - Na semana passada, o IBGE divulgou a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), que mostrou as vendas no varejo fecharam o primeiro semestre do ano com queda de 2,2%. Foi o pior resultado semestral desde 2003. Já a produção industrial encolheu nada menos que 6,3% nos seis primeiros anos. Desde a crise de 2009, o setor não tinha um resultado tão ruim.

O único setor que ainda está no azul é o de serviços. Na segunda-feira, o IBGE divulgou que a receita teve um crescimento de 2,3% no semestre. Apesar de mostrar avanço, o dado foi o pior da série histórica e representa menos da metade do que foi registrado no semestre imediatamente anterior, quando ficou em 4,7%. Já o primeiro semestre do ano passado teve uma variação positiva de 8,7%.

Para os economistas, o lado bom de uma queda tão forte da economia brasileira é o controle da inflação. A expectativa é que o ano encerre com um IPCA de nada menos que 9,32%. "Mais que o dobro da meta para o ano, de 4,5%. O BC ainda tinha uma margem de tolerância de dois pontos percentuais, mas a taxa ficará fora dela. E terá de mandar uma explicação formal para o Ministério da Fazenda para dizer o motivo de não ter cumprido seu dever.

"O bom dessa questão é que a gente deve melhorar a questão de inflação. E pode voltar a dar estímulo sem desequilíbrio", frisou Serrano.

**Câmbio** - Para o economista-chefe da América Latina do Goldman Sachs, Alberto Ramos, há ainda um outro fator positivo no atual quadro econômico: a alta do dólar. Ele argumenta, num comunicado enviado aos clientes, que isso deve favorecer as exportações e impedir uma queda maior da economia neste ano.

"No lado positivo, uma taxa de câmbio mais competitiva e fracas condições da procura interna deverá gradualmente elevar a contribuição das exportações líquidas para o crescimento e fornecer um piso para a contração esperada de PIB real em 2015", afirma Ramos.

## **CSN considera Rothschild ou Lazard para venda de ativos, diz fonte**

20/08/2015 – Reuters

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) provavelmente vai escolher entre duas empresas de assessoria financeira, Rothschild e Lazard, para coordenar a venda de alguns ativos não essenciais, disse uma fonte com conhecimento da situação nesta quarta-feira.

De acordo com a fonte, o presidente-executivo da CSN, Benjamin Steinbruch, está mais inclinado a contratar um assessor global independente do que um local para a operação, uma vez que uma consultoria global teria mais habilidade para atrair investidores internacionais.

Ao contratar uma empresa independente, Steinbruch está buscando mitigar quaisquer conflitos de interesse potenciais com bancos que atuam como credores para a siderúrgica, disse a fonte. Esses bancos, contudo, poderiam participar do processo com mandatos específicos, disse.

Ativos que poderiam ser vendidos incluem cimentos e parte da participação da CSN no projeto de minério de ferro Congonhas Minérios, de acordo com outra fonte próxima ao tema. Ambas as fontes disseram que os ativos de logística da CSN podem levantar pouco interesse de potenciais ofertantes.

A Rothschild tem liderado a assessoria de fusões e aquisições no Brasil até agora no ano, tendo trabalhado em nove acordos avaliados em 9,8 bilhões de dólares. A empresa não quis comentar a informação. A assessoria de imprensa da Lazard em Nova York e da CSN em São Paulo não responderam imediatamente a pedidos de comentários.

A decisão de Steinbruch de vender alguns ativos não essenciais que a CSN acumulou nos últimos anos é um revés para o desejo da empresa de se expandir internacionalmente e em outras áreas para além da siderurgia e mineração.

Os riscos de dívida da CSN se tornariam insustentáveis no curto prazo sem uma venda de ativos, disseram as duas fontes. Siderúrgicas brasileiras estão tendo dificuldades em meio à redução da demanda doméstica com a crise econômica e, em particular, com os atrasos nos projetos de infraestrutura.